

MAURÍCIO TRAGTENBERG

UM INTELLECTUAL CONTRA O PODER INTELLECTUAL (1929-1998)

Afrânio Mendes Catani

Em 17 de novembro de 1998 faleceu em São Paulo, aos 69 anos, o professor Maurício Tragtenberg. Soube de sua morte apenas alguns dias depois, por telefone, pois me encontrava fora do país. Nos meus quase 25 anos de andanças por várias instituições, públicas e privadas, foi a pessoa mais generosa com quem convivi, conciliando erudição, rigor intelectual, militância e afetividade.

Conheci-o em agosto de 1972, quando cursava Administração Pública na Fundação Getúlio Vargas, tendo Maurício vindo lecionar Sociologia II. Na realidade, ele retornava à FGV, pois havia sido afastado de suas funções docentes por meio de

ato arbitrário da ditadura militar. Maurício trabalhava alucinantamente em sua tese de doutorado, que elaborava junto ao antigo Departamento de Ciências Sociais (Política) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e que deveria ser entregue até o final de 1972. A tese, intitulada *Burocracia e Tecnologia*, editada em livro em 1973, tornou-se verdadeiro clássico na área de Humanidades.

Em sua tese, Maurício realiza abrangente análise crítico-histórica das formas de dominação burocrática, arrimando-se em Hegel, Marx e Weber. Seu trabalho avança no estudo do fenômeno burocrático, de seu surgimento (daí dedicar-se longamente ao modo de produção asiático) até as grandes

corporações capitalistas. Detém-se, também, no exame da sociedade soviética - uma de suas paixões -, além de riquíssimo capítulo intitulado "As harmonias administrativas de Saint-Simon a Elton Mayo". A segunda parte, "A crise do capitalismo e a passagem da teoria da administração à sociologia das Organizações Complexas", abarca três densos capítulos, a saber: "A crise da consciência liberal alemã", "Max Weber" (outra de suas paixões) e "Burocracia: da mediação à dominação".

Nascido no Rio Grande do Sul, numa comunidade de imigrantes judeus ucranianos que vieram para o Brasil fugindo dos pogrons, Maurício passou a infância entre camponeses pequenos proprietários. Escreve



que os camponeses da localidade (Erebango, que depois se tornou Erechim e, finalmente, Getúlio Vargas), "ajudados pela imprensa libertária, aprimoraram o senso coletivo de vida e trabalho, aprendendo uns com os outros. Todos eram alunos e professores e aprendiam ao mesmo tempo os segredos do cultivo da terra. À luz de vela, à noite, aprendiam e ensinavam português, espanhol, russo e esperanto (...). Lia-se em Erebango muitos autores anarquistas russos, como Kropotkin, Bakunin, especialmente Tolstói, com seu anarquismo religioso, anticlerical, que era o autor preferido".

Quanto à educação formal, Maurício estudou apenas até o 3º ano primário, em Porto Alegre. Mudou-se com a mãe para

São Paulo, após a morte do pai e, precocemente, ingressou no mercado de trabalho. Ainda muito jovem, freqüentou círculos operários, convivendo com trabalhadores letões, russos, lituanos e poloneses, lendo e discutindo Lenin, Trotski, Bakunin. Na década de 40, com 16 anos, teve rápida passagem pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), de onde acabou expulso por divergir do stalinismo, que então dava o tom. Segundo ele, o PCB proibia que seus militantes mantivessem "qualquer contato direto ou indireto com trotskistas ou outros inimigos da classe operária".

Aproximou-se do jornalista trotskista Hermínio Sacchetta, de cuja amizade compartilhou até a morte do companheiro. Como escreveu Ricardo Antu-

nes, "foi nesse universo que sua crítica da sociedade e sua recusa da política institucionalizada cada vez mais confluíram para o ideário anarquista". Tornou-se, também, amigo da família Abramo.

Freqüentou com assiduidade outro importante "centro de formação", qual seja, a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, onde integrava um grupo que lia de tudo: "de Aristóteles a Spengler, passando por Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e José Régio".

Por sugestão de Antonio Candido, candidatou-se ao vestibular para o Curso de Ciências Sociais na USP, apresentando uma monografia sobre planejamento (posteriormente publicada em livro sob o título: *Planificação: Desafio do Século*

XX). Abandonou Ciências Sociais após um ano, fazendo vestibular para História, curso em que se graduou.

Trabalhou como professor em ginásios de vários municípios do Estado de São Paulo e, posteriormente, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, de onde saiu em 1964, quando foi cassado. Lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Faculdade de Educação da Unicamp (1975-1992), além da FGV. Tive o privilégio de ser seu aluno, de ter estudado com ele, informalmente, durante anos, e de ser seu colega na FGV e na Unicamp. Junto com Ricardo Antunes e Gilberto Vasconcelos, compartilhamos durante cinco anos um gabinete de trabalho no antigo Departamento de Ciências Sociais. Inquieto, rara era a vez em que Maurício não nos fornecia uma dica sobre qualquer temática que comentássemos: com Gilberto, debatia Wilhelm Reich, em especial sobre a relação do fascismo com a libido pequeno-burguesa; com Ricardo, acerca das questões trabalhistas e sindicais (durante sete anos manteve coluna intitulada "No Batente", no jornal *Notícias Populares*, em que analisava temas de interesse da classe operária); comigo, sobre Weber, Lefort, Bourdieu e Wright Mills (com

quem muito se identificava). Tenho a certeza de que muitos outros colegas também se beneficiaram de sua generosa presença, em termos humanos e intelectuais. Maurício fazia, ainda, a "ponte" entre alguns colegas do Departamento de Ciências Sociais e o de Administração Geral, principalmente com Fernando Prestes Motta, Roberto Venosa e o falecido Ramon Moreira Garcia.

Gilberto Vasconcelos escreveu perfil extremamente sensível sobre ele: "às vezes eu tinha a impressão de que Maurício andava pelado como Adão, sempre com um cigarro na boca e os dois braços carregados de livros. Leitor infatigável. Mas não era um especialista chato; ao contrário, ele se interessava por muitas coisas nas ciências humanas".

Na Unicamp, foi um dos fundadores da revista *Educação e Sociedade*, além de orientar dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado – atividades que exerceu com intensidade também na PUC-SP e na FGV –, formando mestres e doutores que atuam hoje nas mais variadas universidades brasileiras e de outros países latino-americanos.

Além dos livros já mencionados, escreveu *Administração, Poder e Ideologia, A Delinquência Acadêmica e Reflexões sobre o Socialismo*, todos eles com vá-

rias reedições. Organizou, ainda, *Marxismo Heterodoxo*. Publicou artigos em vários jornais da grande imprensa e da imprensa nanica, merecendo destaque sua colaboração para a *Folha de S. Paulo*, dedicando-se a uma gama variada de temas.

Intelectual sem preconceitos, antiburocrata por excelência, até o fim da vida conviveu harmoniosamente com amigos e colegas sindicalistas, anarquistas e acadêmicos. Com a morte de Maurício Tragtenberg desapareceu um pensador que pautou suas ações remando contra o pensamento dominante, nos fazendo lembrar as palavras do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para quem o intelectual sempre deve "tentar evocar os mecanismos da moda intelectual justamente nos templos da moda intelectual, utilizar os instrumentos do marketing intelectual, mas para fazê-los veicular aquilo que em geral eles ocultam, em particular, a função destes instrumentos e daqueles que costumam a utilizá-los (...) o intelectual sempre deve tentar voltar contra o poder intelectual as armas do poder intelectual, dizendo a coisa mais inesperada, mais improvável, mais deslocada no lugar em que é dita".

Quando penso nestas palavras de Bourdieu, penso em Maurício, em sua ação, em sua trajetória rica e generosa.